

# TRANSCRIÇÃO E CONSTRUÇÃO DE UM PAPEL EDUCATIVO: A ABORDAGEM BIOGRÁFICA NA FORMAÇÃO DE BABÁS

■ CAROLINA KONDRATIUK

<https://orcid.org/0000-0002-8889-4621>

Université Paris 8

GIS Le sujet dans la Cité, Sorbonne Paris Nord - Campus Condorcet

## RESUMO

Este artigo tem o objetivo de investigar as potencialidades dos dispositivos biográficos na formação de babás. Para tanto, apoia-se numa pesquisa realizada com babás migrantes, brasileiras que trabalham na França, desenvolvida com base nos fundamentos teórico-metodológicos da pesquisa (auto)biográfica e da história oral. A hermenêutica das narrativas de vida que compõem o *corpus* de tal estudo traz à luz a centralidade dos processos de biografização, colocados em ação pelas profissionais do cuidado infantil no ato de narrar a experiência vivida. Conclui-se que o papel social de educadoras informais da infância é construído por essas trabalhadoras do *care* a partir do estabelecimento de relações entre, de um lado, seus percursos vividos e os saberes a partir deles adquiridos e, de outro, as culturas – familiares, linguísticas, nacionais etc. – com as quais se deparam nos lares que constituem seu ambiente de trabalho. Nesse espaço intersticial, a abordagem biográfica se configura como pesquisa-formação, na medida em que convida essas mulheres a assumir o papel de “pesquisadoras de si”, a construir sentidos ao vivido, tomar consciência de suas reservas de saberes biográficos, lidar com as proximidades e distanciamentos presentes no encontro intercultural com as crianças e famílias empregadoras, agenciar temporalidades e projetar-se em direção a um porvir. Reconhecida em sua dimensão transcriativa, a operação de colocar em palavras aquilo que é da ordem do não dito, do experienciado, revela-se como potente ferramenta de formação de babás-educadoras-da-infância e inscreve-se numa perspectiva de valorização de saberes invisibilizados.

**Palavras-chave:** Pesquisa (auto)biográfica. Interculturalidade. Formação de babás.

## ABSTRACT **TRANSCREATION AND CONSTRUCTION OF AN EDUCATIONAL ROLE: THE BIOGRAPHICAL APPROACH IN NANNIES' EDUCATION**

This article aims to investigate the potential of biographical devices in nannies' education. To this end, it is based on a research conducted with Brazilian migrant nannies working in France, developed according to the theoretical and methodological foundations of biographical research and oral history. The hermeneutics of the life narratives that constitute the corpus of such study brings to light the centrality of the processes of biographization, put into action by childcare professionals in the act of narrating the lived experience. It is concluded that the social role of informal child educators is constructed by these care workers based on the establishment of relations between, on the one hand, their lived experiences and the knowledge built upon them and, on the other hand, the cultures – familial, linguistic, national etc. – they encounter in the homes that constitute their work environment. In this interstitial space, the biographical approach is configured as “research-formation”, in the sense that it invites these women to conduct a “self-investigation”, to construct meanings to what they have lived, to become aware of their reserves of biographical knowledge, to deal with the proximities and distances present in the intercultural encounter with the children and employing families, to agency temporalities and project themselves toward the future. Recognized in its transcreative dimension, the operation of putting into words that which is of the order of the unspoken, of the experienced, reveals itself as a powerful educational tool for nannies-child-educators and is inscribed in a perspective of valorization of invisibilized knowledge.

**Keywords:** Biographical research. Interculturality. Nannies' education.

## RESUMEN **TRANSCREACIÓN Y CONSTRUCCIÓN DE UN PAPEL EDUCATIVO: EL ENFOQUE BIOGRÁFICO EN LA FORMACIÓN DE NIÑERAS**

Este artículo pretende investigar el potencial de los dispositivos biográficos en la formación de niñeras. Para ello, se basa en una investigación realizada con niñeras migrantes, brasileñas que trabajan en Francia, desarrollada a partir de los fundamentos teóricos y metodológicos de la investigación biográfica y la historia oral. La hermenéutica de las narrativas de vida que conforman el corpus de di-

cho estudio resalta la centralidad de los procesos de biografización, puestos en marcha por las profesionales del cuidado infantil en el acto de narrar la experiencia vivida. Se concluye que el papel social de educadoras informales de niños lo construyen estas trabajadoras del *care* a partir del establecimiento de relaciones entre, por un lado, sus experiencias vividas y los conocimientos adquiridos a partir de ellas y, por otro, las culturas – familiar, lingüística, nacional etc. – que encuentran en los hogares que constituyen su ambiente de trabajo. En este espacio intersticial, el enfoque biográfico se configura como investigación-formación, en la medida en que invita a estas mujeres a asumir el papel de “investigadoras de sí mismas”, a construir significados para lo que han vivido, a tomar conciencia de sus reservas de conocimiento biográfico, a lidiar con las proximidades y distancias presentes en el encuentro intercultural con los niños y las familias empleadoras, a agenciar temporalidades y proyectarse hacia el futuro. Reconocida en su dimensión transcreativa, la operación de poner en palabras lo que es del orden de lo no dicho, de lo vivido, se revela como una poderosa herramienta para la formación de niñeras-educadoras-de-la-infancia y se inscribe en una perspectiva de valorización de saberes invisibilizados.

**Palabras clave:** Investigación biográfica. Interculturalidad. Formación de niñeras.

## RESUME

### TRANSCRÉATION ET CONSTRUCTION D'UN RÔLE ÉDUCATIF : L'APPROCHE BIOGRAPHIQUE DANS LA FORMATION DE NOUNOUS

Cet article vise à étudier les potentiels des dispositifs biographiques dans la formation des nounous. À cette fin, il se base sur une recherche menée auprès de Brésiliennes travaillant dans la garde d'enfants au domicile des parents en France, développée à partir des fondements théoriques et méthodologiques de la recherche biographique en éducation et de l'histoire orale. L'herméneutique des récits de vie qui constituent le corpus de cette étude met en lumière la centralité des processus de biographisation mis en œuvre dans l'acte même de narration de l'expérience vécue. On en conclut que le rôle social d'éducatrices informelles de l'enfance est construit par ces travailleuses du *care* à partir de l'établissement de relations entre, d'une part, leurs expériences vécues et les savoirs construits à partir de celles-ci et, d'autre part, les cultures – familiales, linguistiques, nationales etc. – auxquelles elles sont confrontées dans les foyers qui constituent leur local de travail. Dans cet espace interstitiel,

l'approche biographique se dessine comme recherche-formation, dans la mesure où elle invite ces femmes à mener une « enquête sur soi », à construire du sens à partir du vécu, à prendre conscience de leurs réserves de savoirs biographiques, à gérer les proximités et les écarts présents dans la rencontre interculturelle avec les enfants et les familles employeuses, à agencer les temporalités et à se projeter vers l'avenir. Reconnue dans sa dimension transcréative, l'opération de mise en mots de ce qui est de l'ordre du non-dit, du vécu, se révèle ainsi être un puissant outil de formation de nounous-éducatrices-de-l'enfance et s'inscrit dans une perspective de valorisation de savoirs invisibilisés.

**Mots-clés :** Recherche biographique en éducation. Interculturalité. Formation de nounous.

## Introdução

Na contemporaneidade, o papel educativo das babás é invisibilizado<sup>1</sup> pelo não reconhecimento e desvalorização dos saberes colocados em ação no exercício do cuidado doméstico de crianças. Tal incompreensão acerca dessa atividade – que é paradoxalmente central e periférica em nossa sociedade – se apoia na clivagem entre duas esferas intimamente interconectadas no *care* infantil: cuidar e educar. Embora os equívocos e efeitos nefastos dessa separação tenham sido denunciados por estudos dedicados ao lugar do cuidado em orfanatos e escolas (SPITZ, 2002; CAFFARI, 2017; SAYÃO, 2010), tal paradigma dissociativo segue dominante no âmbito doméstico. Uma investigação aprofundada sobre o cuidado infantil, tal como é vivido pelos seus atores, revela que este se constitui essencialmente como laço educativo, tecido no convívio nuclear entre dois sujeitos sociais singulares: babá e criança. Em torno desse par nuclear, orbitam ainda os membros da família empregadora. Essa tríade constitui um encontro entre diferentes modos de viver, fazer, sentir, se relacionar, expressar, nomear

e significar aspectos relativos a si mesmo, ao outro e ao mundo circundante. O laço educativo tecido nos atos do cuidado é permeado por aprendizagens caracterizadas pela transmissão de marcas simbólicas (KONDRATIUK, 2021).

Não obstante, os saberes dos quais as babás são portadoras são hoje invisibilizados de dois modos: pela naturalização da abordagem biológica e pela universalização da abordagem tecnicista. Quando naturalizados e relegados ao plano biológico, os saberes colocados em ação pelas profissionais do cuidado doméstico infantil são destituídos de seu caráter processual. Reduzir os saberes necessários para cuidar de crianças a capacidades inatas ligadas a gênero ou raça significa ignorar os percursos que estão por trás desses saberes enquanto construções biográficas forjadas por sujeitos singulares no interior de espaços sociais compartilhados. Já quando são tomados como um conjunto de saberes *experts*, os saberes considerados necessários ao trabalho da babá são embalados como mercadorias prontas para entrega na forma de cursos que reclamam para si a transmissão de um modo único, correto e neutro de executar o cuidado infantil. A pretensão universalista de tais dispositivos

<sup>1</sup> O significativo silêncio da pesquisa educacional sobre o trabalho das babás é discutido no artigo “O corpo a corpo na relação educativa entre babá e criança: uma revisão da literatura” (KONDRATIUK; NEIRA, 2020).

desconsidera a diversidade cultural presente nas técnicas corporais ligadas à alimentação, à saúde ou à higiene infantil, nas práticas corporais referentes à ludicidade, bem como nas artes de fazer, significar e vivenciar a criação das crianças. Para esse olhar tecnicista, a babá em formação seria uma tábula rasa, tendo desconsiderados seus conhecimentos prévios e seu *status* de portadora de culturas. Na contramão dessas duas correntes, a investigação sobre as potencialidades da abordagem biográfica na formação de babás abre novas vias para a compreensão do cuidado doméstico de crianças sob a ótica da pesquisa educacional.

Diante de tal cenário, o presente trabalho se apoia nos resultados de uma pesquisa realizada com mulheres brasileiras que trabalham como *nounous*<sup>2</sup> na França. Esta foi desenvolvida no contexto de um doutorado dupla-titulação na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP) e na Université Paris 8, com base nos referenciais teórico-metodológicos da pesquisa (auto)biográfica e da história oral – associando os métodos da entrevista de pesquisa biográfica (DELORY-MOMBERGER, 2014) e da transcrição (MEIHY, 1996; CALDAS, 1999). As narrativas biográficas de três babás, a quem chamaremos Emília, Alice e Cecília, compõem o *corpus* de tal estudo, cuja interpretação foi tecida a partir de uma perspectiva hermenêutica. Em direção contrária às duas formas de reducionismo citadas, procurou-se compreender os caminhos pelos quais tais mulheres constroem seu papel educativo enquanto babás.

O presente artigo se organiza em três partes: na primeira, a formação de babás pela narração da experiência vivida é pensada a partir do referencial teórico-epistemológico da pesquisa biográfica. Em seguida, é discutido um dos desafios centrais explicitado nas narrativas das três babás entrevistadas: a dimensão

intercultural do trabalho doméstico de cuidado de crianças. Por fim, o potencial formativo do ato de narrar a experiência é colocado em foco à luz da noção de transcrição.

## Narrar a experiência: um dispositivo de formação de babás

Com base nas reflexões desenvolvidas por Passeggi (2016) acerca da formação, pensar a babá como sujeito biográfico possibilita vislumbrar práticas formativas centradas, não na entidade abstrata “babá”, mas na pessoa em si mesma. Ao cuidar da criança, a babá ensina a partir daquilo que ela mesma é e dos saberes que construiu na vida e a partir da vida, o que na perspectiva da pesquisa (auto)biográfica remete a uma noção ampliada de formação, oriunda do pensamento educativo alemão. A palavra alemã *bildung* se traduz, normalmente, como formação. Todavia, ela recobre uma gama de significados que transcendem a conotação institucional ou técnica, limitada às modalidades institucionais de preparação ao exercício de uma função social específica, regida pela lógica socioeconômica de adaptação a contextos profissionais. Como sintetiza Fabre (2019, p. 197), o termo denomina o “trabalho sobre si, cultivo dos próprios talentos para o aperfeiçoamento de si e o bem da comunidade” que ocorre “ao longo de toda a vida e em formas existenciais que não são necessariamente institucionalizadas”.

De um ponto de vista ontológico, *bildung* se refere à capacidade de dar forma a si mesmo. A formação de si é, nesse sentido, o movimento pelo qual o sujeito toma forma em meio aos homens e ao mundo (DELORY-MOMBERGER, 2005). A longa tradição das histórias de vida em formação se fundamenta precisamente no potencial destas como artes formadoras da existência, para retomar a célebre expressão de Gaston Pineau (2006). É essa significa-

2 Babás.

ção ontológica que serve de base à pesquisa (auto)biográfica e à sua congênere francesa, a *recherche biographique en éducation*. As narrativas de si – sejam elas orais ou escritas, produzidas num diálogo consigo mesmo ou com o outro, expressas por meio de palavras, imagens ou quaisquer outros meios empregados numa operação de automedialidade (BOURGUIGNON, DELORY-MOMBERGER, 2020) – são artes pelas quais os sujeitos tomam forma no interior de espaços sociais.

No centro do conceito de *bildung*, está a ideia de uma hermenêutica de si. Originário da tradição mística cristã, o conceito foi secularizado no Iluminismo, quando as autobiografias espirituais e relatos de conversão deram lugar ao gênero literário do romance de formação. No romance de formação moderno, a própria vida é *bildung* (FABRE, 2019). Nele, o curso da vida só ganha sentido se e na medida em que o protagonista transforma experiência em consciência, num ato de interpretação que faz dele um hermeneuta de si mesmo. O entendimento da narrativa biográfica como narração da trajetória pela qual alguém se tornou aquilo que é obedece a um modelo de inteligibilidade progressivo e teleológico, configurando o modelo de inteligibilidade biográfica dominante no mundo ocidental contemporâneo (DELORY-MOMBERGER, 2005). Tal modelo se pauta na temporalidade própria do romance de formação moderno, que poderia ser resumida pela ideia da vida como uma sucessão de aprendizagens, do nascimento até a morte. Nele, o curso da vida segue uma ideia de progressão, ampliação e avanço em direção a uma forma acabada de si – mesmo que esta não seja nunca plenamente atingida e que o decurso seja marcado por desvios ou retrocessos. O pensamento da *bildung* evidencia a apreensão significativa da vida pelo sujeito. Hermeneuta de si, o sujeito interpreta a si mesmo ao longo do tempo por meio da inteligibilidade biográfica,

integrando momentos de sua existência ao todo que chama de história de sua vida.

Contemporaneamente, a liquefação das instituições, das ideias e das relações (BAUMAN, 2000) que caracteriza a modernidade avançada faz com que recaia cada vez mais sobre os sujeitos a tarefa de dar sentido às inúmeras experiências vividas nos diferentes espaços, tempos e papéis sociais dos quais participa – espaços, tempos e papéis muitas vezes desagregados ou mesmo antagônicos. Esse contexto marca o surgimento de novas configurações identitárias, nas quais acentua-se a necessidade de que o trabalho de biografia seja empreendido pelo próprio sujeito. Como salienta Hall (2005), no atual cenário de multiplicação dos sistemas de significação e de representação cultural, a identidade tornou-se fragmentada e multifacetada. Longe de comporem uma unidade ou um todo harmônico e estável, as facetas de si mesmo experimentadas pelo sujeito são dissociadas entre si, múltiplas e, com frequência, contraditórias. Com a dissolução dos conjuntos compartilhados de referências estáveis que caracterizavam as sociedades tradicionais, pesa sobre os ombros de cada um, como responsabilidade individual, o trabalho de fabricar sentido – ou seja, significado e direção – a partir de sua experiência de ser no mundo. Nessa realidade, chamada de sociedade biográfica, a *bildung* oferece elementos importantes para a compreensão das novas demandas a que os sujeitos são chamados a responder.

No caso do cuidado infantil transnacional, as experiências migratórias intensificam ainda mais os movimentos de liquefação e multiplicidade nas construções identitárias, pois a chegada no novo meio traz consigo papéis até então desconhecidos: ser falante de português em um país francófono; habitar uma cidade onde não se tem laços familiares nem vestígios de memória; ocupar um nível profissional

inferior ao galgado no país de origem (nos frequentes casos em que diplomas e experiências profissionais não são reconhecidos); trabalhar em ocupações diferentes daquelas possíveis em sua própria terra, em função das qualificações ali reconhecidas. Em meio a esses múltiplos deslocamentos, contar as experiências vividas não se limita a reportar fatos dados: os significados que emergem da *bio-grafia*, etimologicamente “escrita da vida”, da babá não existiam antes da narrativa, mas se delineiam à frente dela. Produto de um trabalho biográfico, a narrativa é, nesse sentido, lugar de uma gênese de si. Poder falar de si no complexo contexto de deslocamento vivido por tais mulheres é, nesse sentido, poder agir, pois a narrativa é o espaço mesmo onde o sujeito toma forma e constrói a si mesmo no interior do espaço social (DELORY-MOMBERGER, 2005). Dispositivos que conduzem o olhar dos sujeitos para si mesmos devolvem-lhe o poder de refletir sobre a construção de si e de sua vida. Com o convite para contar seus percursos, foi aberto às três *nounous*, Emília, Alice e Cecília, um espaço para construir-se e reconstruir-se, atribuir sentidos à existência e fortalecer a própria atuação no mundo.

Na perspectiva da *bildung*, os conceitos de horizonte da vida e biografização (DELORY-MOMBERGER, 2005; 2019) constituem chaves teóricas potentes para o estudo da formação de babás. Por horizonte da vida, entende-se o quadro geral em que cada evento ou experiência pode ser incorporado, passando a integrar um percurso de desenvolvimento. Esse conceito nos lembra que a unidade que compõe uma história de vida é incessantemente construída, provisória, suscetível a mudanças, revisões, readaptações, o que faz dela um processo nunca acabado, em constante transformação. Lembra-nos, ainda, que nem mesmo os processos de formação mais institucionalizados poderiam ser dissociados

da pessoa do aprendiz, pois toda nova aprendizagem, seja ela formal ou informal, vem se inscrever necessariamente em uma história individual, com suas tonalidades, facetas e modos de compreensão próprios. Biografização, por sua vez, designa o conjunto de operações que compõem o trabalho pelo qual os indivíduos dão a si mesmos uma forma própria. Uma das operações de biografização é justamente a ação de integrar os eventos e experiências, tomados no horizonte da vida como memoráveis e significativos, à história construída a partir deles. As duas noções são especialmente fecundas para as ciências da educação por permitirem pensar as relações entre os processos e modalidades de aprendizagem e a formação do sujeito na dinâmica de sua existência individual.

Na medida em que as histórias de vida de babás são reconhecidas como narrativas de formação, o termo “biografia” extrapola sua acepção literal de escrita da vida, revestindo-se de um sentido mais vasto que a forma textual que essa escrita poderia assumir. Biografia passa então a designar, não apenas a vida vivida ou o texto que dela se faz, mas o próprio processo pelo qual o sujeito toma forma, seja pelo pensamento – no diálogo interno pelo qual os sujeitos produzem, continuamente, representações de si –, seja pelo discurso oral ou escrito, a gestualidade, a imagem etc. As diferentes modalidades de “escrita da vida”, num sentido amplo, permitem a elaboração do horizonte em que podem ser incorporadas as aprendizagens construídas nos diferentes espaços sociais e do todo a partir do qual elas podem ser inter-relacionadas e significadas. Traçar o curso da própria vida estabelecendo relações entre diferentes experiências de aprendizagem é, em última instância, um processo de formação pelo qual o sujeito se constitui como sujeito de uma história. No mesmo sentido dos enunciados performáticos estuda-

dos pela linguística, que produzem uma realidade ao enunciá-la, ao contar-se a si mesmo, o narrador está a produzir-se a si mesmo.

Evidentemente, essa abordagem pressupõe que a própria noção de aprendizagem se estenda para além da aquisição de conhecimentos ou habilidades em contextos formais de ensino. O conceito de aprendizagem biográfica (ALHEIT; DAUSIEN, 2005, 2019; DELORY-MOMBERGER, 2005, 2006; SCHULZE, 2005) vem responder à busca fundamental por compreender a formação como processo biográfico, sem reduzi-la somente ao produto da atividade pedagógica em suas formas de organização institucionais. Embora as aprendizagens escolares, conduzidas por ações intencionais, tenham importância fundamental para os seres humanos, elas são apenas um setor limitado do grande tema da aprendizagem humana. Numa abordagem fenomenológica da aprendizagem, o conceito de aprendizagem biográfica articula aprendizagem e experiência.

A aprendizagem é definida por Delory-Momberger “como a capacidade do ser humano de adaptar seu comportamento ao mundo exterior” e “como o processo pelo qual ele transforma a si mesmo dotando-se dos meios que possibilitarão essa adaptação”; enquanto a experiência designa “os espaços de interação com o mundo circundante (*Umwelt*), nos quais se efetua a aprendizagem” (2005, p. 49). No campo da experiência, a aprendizagem resulta das interações com os ambientes sensoriais onde se dá a existência do sujeito, a partir das quais ele se forma e se transforma. Aprender com a vida é, portanto, aprender com a experiência de ser no mundo, transformando experiência vivida (*Erlebnis*) em experiência adquirida (*Erfahrung*). Isso quer dizer que o leque de aprendizagens biográficas é extremamente diversificado, abrangendo saberes ligados à ação, compreensão, afetividade e aos modos de relação consigo mesmo e com o

entorno. Também significa que a pessoa inteira está envolvida no processo, com seu corpo e todos os seus sentidos, com suas emoções e sentimentos, com seu intelecto, discernimento e reflexividade, sempre em conexão com as circunstâncias vividas.

Diferentemente de estudos sobre a formação que isolam os processos de aprendizagem e consideram apenas suas formas mais elementares e de curto prazo, a abordagem biográfica se interessa pelo acúmulo, a longo prazo, de diversas aprendizagens, enxergando-as integradamente, sempre em relação ao todo em que são reunidas e incorporadas à história de uma vida. A aprendizagem é vista, nessa abordagem, como processo autopoiético. Cada novo estímulo, ideia ou experiência é traduzida na linguagem experiencial do aprendiz e integrada ao conjunto de suas próprias experiências, ou seja, os estímulos externos são processados de acordo com uma lógica interna. Como salienta Schulze (2005), esses longos processos só podem ser acessados pelos caminhos da memória. As construções narrativas são sempre reconfigurações. Nelas, o narrador de si constrói sua história retrospectivamente, a partir de uma posição momentânea. As aprendizagens biográficas possibilitam a formação daquilo que Alheit e Dausien (2019) denominam de reserva de saber biográfico. Trata-se de um conjunto de saberes experienciais, em grande parte implícitos e não refletidos, ordenados em estruturas de ação e de saber reprodutíveis. Tal reserva se configura como uma estrutura aberta e sujeita a transformações decorrentes da integração de novas aprendizagens. Com base nessas reservas, elementos, situações e pessoas são percebidos como familiares ou novos, habituais ou desafiadores. Em suas ações cotidianas, os sujeitos recorrem a determinados aspectos de seus saberes biográficos, muitas vezes sem se darem conta. Processos



de formação pela narrativa de si possibilitam um tratamento explícito de tais saberes pré-reflexivos, tornando-os em grande parte disponíveis e, conforme o caso, modificando alguns de seus aspectos. Desse modo, as construções biográficas podem “se formar, se transformar e se constituir em experiências refletidas” (p. 19), por meio do trabalho de construção de sentido a partir do conjunto complexo de experiências acumuladas na história de uma vida.

Ao mesmo tempo que as aprendizagens biográficas são vividas de maneira singular, elas são socialmente inscritas. Delory-Momberger (2005, p. 92) explica que “é no complexo de relações e de representações recíprocas que ligam, de um lado, as existências, determinações e projeções individuais e, de outro, as instâncias, formas e objetos socialmente instituídos que se dá o processo de educação”. Por meio da memória, as narrativas reconstroem as instâncias de aprendizagem e de socialização como mundos vividos, apresentando os micromundos da casa, da família, dos grupos de amigos, das salas, pátios e corredores da escola, da universidade, do ambiente profissional etc. como estes são experienciados e significados por seus atores. Ao retratar ambientes concretos de existência e de convivência, as narrativas falam dos espaços sociais em que se desenvolve o processo biográfico. Tais espaços são, sob essa ótica, ambientes de aprendizagem. Em sua formação a partir da interação com seu meio material e social, o sujeito não é simplesmente plasmado de forma passiva pelas condições, condicionamentos e influências sociais, mas assume um papel ativo. As experiências e saberes que adquire nesse processo participam da composição de seus mundos de vida. Formam-se, assim, reservas de saberes que regulam, estruturam e mediam sua participação nas mais diversas situações da vida cotidiana.

Para cuidar de crianças em lares em terras estrangeiras, Emília, Alice e Cecília se valem de saberes construídos a partir de experiências vividas em diferentes espaços sociais. No encontro com as famílias e crianças que começam a conhecer, cada uma delas forja, com sua reserva de saberes biográficos, uma maneira única de ser babá. Chamadas a narrar os caminhos pelos quais se tornaram as babás que hoje são, as colaboradoras do estudo enveredaram por seus percursos de vida, buscando identificar as aprendizagens biográficas construídas ao longo desses caminhos e mobilizadas em suas formas de serem babás. Nessas narrativas, os desafios ligados à dimensão intercultural do cuidado doméstico de crianças ocupam lugar de destaque.

## Os desafios do cuidado doméstico como encontro intercultural

As narrativas de Emília, Alice e Cecília evidenciam a existência de uma formação em serviço, composta por aprendizagens construídas pela babá durante o exercício da função – na interação com as crianças e suas famílias, mas também com outras babás. Os afazeres cotidianos da profissão envolvem um conjunto de saberes sobre o que, quando e como fazer para cuidar de crianças no contexto íntimo da vida doméstica. As narrativas fazem menção à babá anterior, incumbida de “passar” àquela que chega para substituí-la o conjunto das informações práticas que compõem o *savoir-faire* daquele trabalho. É o que conta Emília, sobre o intenso convívio com a babá que iria substituir, num período formativo designado para essa passagem de bastão: “Na primeira semana, nós duas dividimos a chambre de bonne<sup>3</sup>. [...] Ela tinha uma semana pra me en-

3 Quarto de empregada. As típicas *maisons bourgeoises* (casas burguesas) possuem esses pequenos

*sinar as coisas*". As regras quanto à alimentação da criança foram um dos temas tratados. A mãe empregadora, de modo mais marcante, mas também o pai e, eventualmente, os avós da criança também aparecem nas narrativas como agentes de transmissão. Emília aprendeu com o pai do pequeno Pierre a colocá-lo para dormir na hora da sesta:

*[...] às vezes (Pierre) ficava saindo do quarto [...] E (o pai) me ensinava:*

*– Não se preocupe, é assim mesmo, ele tem dificuldade. Se ele sair, você leva de novo pro quarto. Às vezes você vai ouvir ele fazendo barulho, mas, se ele não abrir a porta, deixa.*

*Tinha que deixar o quarto escuro, então eu apagava a luz e fechava a veneziana. Aí, se ele levantava pra brincar, como estava tudo escuro, ele acabava voltando pra cama sozinho.*

Dar banho, percorrer o caminho entre a casa e a escola, acompanhar o momento da refeição, organizar a rotina etc. também se tornam tópicos para o compartilhamento de práticas de cuidado. Trata-se de um conjunto de saberes construídos em ação e que são necessários, não para ser uma babá de modo geral, mas para sê-lo naquele país e, mais precisamente, naquela família e com aquela(s) criança(s) específica(s).

Por meio de um trabalho de biografização, cada babá é chamada a integrar essas novas aprendizagens em seu horizonte da vida. Nesse movimento, os saberes construídos em serviço passam a compor sua reserva de saberes biográficos, entrando em relação com outros saberes que atravessam seus modos de fazer, pensar e se relacionar. As repercussões dessas aprendizagens em serviço não se limitam apenas à atividade profissional, mas se estendem a outros domínios da vida. Isso é evidenciado

---

quartos no sexto (último) andar do prédio, cujo acesso se dá normalmente por estreitas escadas específicas, chamadas "de serviço". Em geral, as *chambres de bonne* são servidas por um banheiro de uso coletivo.

por Alice, quando reflete sobre a educação que pretende dar aos próprios filhos com base no que aprendeu trabalhando na casa dos pequenos Charles e Hugo. Ao ver a liberdade dada aos meninos para escolherem cores, formas de sentar e outros aspectos que, em sua educação de origem, eram classificados como "coisas de menina", Alice pondera:

*[...] eu penso que hoje, se eu tivesse um filho, eu gostaria que ele pudesse ser livre pra escolher [como o Charles e o Hugo] [...]. Eu vou fazer o possível, mas não sei como vai ser quando eu voltar pro Brasil... Minha cabeça mudou muito nesse tempo que eu fiquei aqui.*

Efetivamente, cada uma das novas aprendizagens deve encontrar espaço e entrar em relação com o repertório que a babá já carrega.

A hermenêutica das narrativas também permitiu identificar e seguir alguns dos fios que constituem a complexa trama da construção biográfica dos saberes colocados em ação por essas mulheres no exercício do cuidado doméstico infantil: em primeiro lugar, aparecem as experiências anteriores de dar e receber cuidado e a construção, iniciada desde a infância, de um repertório ligado à vida doméstica infantil. Nesse âmbito, Alice diz que, diante dos desafios dos afazeres de babá, se perguntava sempre: "como minha mãe faria?". Já Emília, salienta a importância que o toque e a proximidade física sempre tiveram para ela – elementos que não conseguiu reencontrar nas casas francesas em que trabalhou.

Em segundo lugar, temos a peculiar passagem do papel de receptora dos cuidados dispensados por uma babá ao de babá a quem cabe dispensar cuidados. É o caso de Cecília, que tece sua narrativa a partir do fio que liga as marcas que ela recebeu de Cila, sua babá, às marcas que ela mesma procura transmitir a Dan, o menino francês hoje sob seus cuidados. Para ela, o recebimento dessa herança simbólica veio acompanhado de uma dívida

que a motiva a seguir transmitindo, como um legado, as formas de brincar, imaginar, conversar e se relacionar aprendidas com aquela a quem chama de “segunda mãe”. Ela expressa essa cadeia de transmissão quando descreve o trabalho que desenvolve cuidando do pequeno Dan: *“eu transmito coisas da minha história, que vão ficar na história dele”*.

Por fim, certas passagens das narrativas trazem à tona pontos de confronto. As babás evocam saberes construídos biograficamente que, embora sejam dissonantes dos hábitos e costumes da família empregadora, são mantidos e reafirmados na atuação como babá. *“Eu não concordo com isso, porque na minha casa nunca foi assim”*, é com essa afirmação que Alice justifica seu posicionamento firme quanto a uma diferença observada entre seu histórico de vida e os costumes da família empregadora. Na casa em questão, ela conta ter se surpreendido com a indulgência no tocante à falta de limpeza e de organização dos quartos das crianças: *“pode ter brinquedo pra todo lado, pode ter pintura na parede... O quarto, fechou a porta, é das crianças”*. Esse costume, encontrado em um dos lares parisienses em que trabalhou, contrasta com aquilo que ela mesma havia aprendido com a mãe, em sua infância em Minas Gerais, sobre o lugar ocupado por crianças e adultos na gestão dos espaços da residência, sobre os padrões de higiene, sobre as fronteiras da intimidade e sobre a distribuição de responsabilidades.

Bhabha (1998) pensa a condição das pessoas migrantes destacando que seus processos de subjetivação se desenrolam nos interstícios entre afirmação da cultura de origem e assimilação da cultura de destino. Nas terras de destino, onde encontram novos modos de ser e fazer, sentir e falar, ver o mundo e entrar em relação com o outro, as babás migrantes desempenham, como educadoras informais, o duplo papel de manter tradições e se abrir

ao novo. As babás migrantes são portadoras de uma língua, de tradições culinárias e religiosas, de culturas da infância, compostas por repertórios de jogos, brincadeiras, músicas, histórias, práticas de cuidado etc. Durante o cuidado doméstico, elas transmitem marcas de suas próprias origens, forjadas nos espaços sociais em que se constituíram seus percursos vividos. Simultaneamente a esse movimento de preservação, vivenciam a abertura às culturas encontradas no destino – nacionais, regionais, familiares etc. –, corporificadas nas crianças e famílias com quem convivem intimamente. As diferenças nos modos de fazer, sentir, expressar e pensar configuram, assim, potentes espaços de aprendizagem para todas as partes envolvidas no encontro propiciado pelo cuidado doméstico.

Em conjunturas de deslocamentos espaciais e culturais, as babás se situam e redizem entre, de um lado, as experiências vividas ao longo de toda a vida e, de outro, a atividade profissional de cuidar de crianças em um contexto cultural diferente de seu meio de origem, dos pontos de vista nacional, étnico, linguístico, familiar e socioeconômico. Essa condição intersticial demanda um intenso trabalho de biografização, de modo a permitir, de um lado, a mobilização de suas reservas de saberes biográficos e, de outro, a integração das novas aprendizagens ao conjunto de uma história de vida. Nesse sentido, o cuidado infantil exercido pela babá brasileira em lares franceses se desdobra num encontro intercultural, um “‘terceiro espaço’, que não pode ser atribuído a uma cultura, mas surge entre diferentes culturas, pessoas e ideias” (WULF, 2019, p. 430). Entre abertura ao novo e preservação de raízes, essas babás grafam a si mesmas como educadoras informais, sujeitos de uma experiência migratória.<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Embora o estudo tenha se concentrado na migração entre países, o enfoque pode ser estendido aos ou-

## Formação de si pela transcrição da experiência

A transcrição é um conceito inicialmente concebido por Haroldo de Campos durante seu trabalho de tradução do poema “Blanco”, de Octavio Paz. A correspondência trocada pelos dois escritores durante o processo de tradução é reunida no livro *Transblanco* (CAMPOS; PAZ, 1994) e mostra o vai-e-vem das tentativas, com comentários relacionados não apenas aos sentidos, mas também à materialidade fônica do poema. Em ressonância com a “A tarefa do tradutor”, de Walter Benjamin (2001), essas reflexões concebem a tradução como um ato de criação. O próprio título já sinaliza a complexidade da empreitada: *blanco* não pode ser traduzido do espanhol para o português apenas pela palavra “branco”, porque enquanto na primeira língua significa a cor e também o alvo de um arqueiro, na segunda possui apenas o primeiro sentido. O trabalho conjunto dos dois autores deu origem ao poema “Transblanco”. Após essa metamorfose, o poema é outro e ainda o mesmo. A transcrição é, portanto, a elaboração de um texto recriado. Inspirados por essa experiência, os oralistas do Núcleo de Estudos de História Oral (NEHO-USP) concebem procedimentos metodológicos de passagem das narrativas orais para a forma escrita pautados no mesmo reconhecimento da tradução como ato de transcrição (MEIHY, 1996; MEIHY; HOLANDA, 2007; MEIHY; RIBEIRO, 2011). Desta vez, não se trata da transposição de uma língua a outra, mas da linguagem falada à linguagem escrita. Caldas (1999), por sua vez, sugere a radicalização do conceito de transcrição, considerando todas as etapas da pesquisa em história oral, da entrevista ao retorno público dos textos, como uma empreitada transcriativa.

---

tros tipos de deslocamentos presentes nos casos em que a atuação da babá implica a mobilidade entre diferentes regiões num mesmo país ou cidade, diferentes estratos socioeconômicos etc.

Como pudemos observar, o espaço intercultural em que desempenha seu trabalho impõe à babá a necessidade de empreender um intenso trabalho biográfico, de modo a dar coerência e sentido aos eventos vividos e fazer deles uma história. Nesse processo, falar sobre si e sobre a própria experiência não equivale a colocar em palavras algo que existia anteriormente ao relato, mas sim criar sentido, coerência e direção a partir do experienciado. Levando isso em conta, a narrativa de babás em contexto de pesquisa-formação ativa as operações pelas quais os sujeitos transcrevem suas experiências formativas, traduzindo-as em uma história viva, sempre em movimento, nunca terminada. Ao contarem suas histórias, Emília, Alice e Cecília deram forma a si mesmas e a seu papel social enquanto babás a partir de suas vivências, traduzindo-as, reconstruindo-as, ressignificando-as e reposicionando-as em linguagem narrativa. Como explica Delory-Momberger (2005, p. 135),

[...] a narrativa não é apenas um meio de expressão, ela não se limita a traduzir para a linguagem das palavras aquilo que seria a realidade dos fatos: a narrativa é o lugar onde o sujeito toma forma (Gestalt) e, nesse sentido, de formação (Bildung) de si mesmo. A narrativa é lugar de aprendizagem.

Portanto, podemos afirmar que o ato de se narrar constitui uma operação de transcrição. Nessa perspectiva, o narrador é menos um “eu” que uma “relação consigo mesmo” – tomo aqui emprestada a fórmula empregada por Macé (2016) em sua estilística da existência –, uma relação consigo mesmo jamais concluída, pois sempre em contínua construção narrativa. Para Passeggi (2011), é por meio da reflexividade biográfica que a experiência pode adquirir sentido e ser ressignificada. Construindo um enredo para suas histórias, Emília, Alice e Cecília deram forma a suas experiências. A participação na pesquisa favoreceu, nesse sentido,

uma atividade de construção e reconstrução de si, respondendo a uma busca de sentido – significado e direção – para a existência e favorecendo o desenvolvimento de um poder de ação no espaço social caracterizado por deslocamentos geográficos, linguísticos e culturais vivenciados no contexto do cuidado doméstico de crianças.

Considerar as aprendizagens biográficas vividas pelas babás em todos os tempos e espaços da vida inaugura, assim, uma nova compreensão acerca da formação dessas educadoras informais. A pesquisa biográfica com babás revelou que o trabalho transcritivo de colocar a experiência em palavras é um potente dispositivo de formação voltado a essas protagonistas do cuidado doméstico infantil. Na cooperação estabelecida entre pesquisadora e colaboradoras durante todo o curso da investigação, desenhou-se, passo a passo, o itinerário de uma pesquisa-formação dialógica (SOUZA, 2006). Ao tomarem para si os questionamentos propostos e, a partir deles, tecerem a intriga de suas vidas, as colaboradoras entreteceram suas memórias e projeções, saberes e experiências de babás no interior de seus horizontes de vida localizados histórica e socialmente. O caráter dialógico dos encontros em que se deu tal trabalho proporcionou, assim, um espaço de resignificação da experiência.

Como demonstra Passeggi (2017, p. 82), o sujeito biográfico se constitui como ator, autor e agente social “pela narrativa e na narrativa, na ação de pesquisar, de refletir” e – como esta pesquisa com babás permite acrescentar – de transcriar. No ato de narrar, ato fundamental em que se apoiou o desenvolvimento do estudo, a passagem para o dito daquilo que não tem palavras – o vivido – colocou em ação o ingrediente de criação contido no trabalho transcritivo. Chamadas a transcriar suas experiências na forma de narrativas orais, as três colaboradoras se engajaram para expressar,

na linguagem das palavras e dos gestos, sua multifacetada vivência de ser no mundo. O fato biográfico se revelou, simultaneamente, como modo de inteligibilidade, de ação e criação. As narrativas de babás constituíram-se, portanto, como ferramentas de transformação e transcrição de experiências de vida, delineando itinerários formativos de educadoras informais da infância.

## Considerações finais

O estudo desenvolvido a partir de uma hermenêutica de narrativas biográficas de babás revelou a centralidade dos processos de biografização colocados em ação no ato mesmo de narrar a experiência de vida. Conclui-se que, enquanto educadoras informais da infância, essas babás constroem seu papel educativo a partir do estabelecimento de relações entre, de um lado, seus percursos vividos e os saberes a partir deles construídos e, de outro, as culturas com as quais se deparam nos lares estrangeiros que constituem seu ambiente de trabalho. Percebe-se, ainda, que o retorno narrativo ao vivido em contexto dialógico se configura como um espaço de formação, na medida em que convida essas mulheres a realizar uma “pesquisa sobre si”, construir sentidos ao vivido, tomar consciência de suas reservas de saberes biográficos, lidar com as proximidades e diferenças presentes no encontro intercultural com as crianças e famílias empregadoras, agenciar temporalidades e projetar-se em direção a um porvir. Reconhecida em sua dimensão transcritiva, a operação de colocar em palavras aquilo que é da ordem do não dito, do experienciado, carrega potencialidades formativas que não deveriam ser negligenciadas. A abordagem biográfica inaugura, assim, novas e promissoras perspectivas na formação de babás-educadoras-da-infância, alinhadas a uma ética de valorização de saberes invisibilizados.

## Referências

- ALHEIT, Peter; DAUSIEN, Bettina. Processus de formation et apprentissage tout au long de la vie. **L’Orientation scolaire et professionnelle**, n. 34/1, p. 57-83, 2005. Disponível em: <https://journals.openedition.org/osp/563> Acesso em: 12 dez. 2021
- ALHEIT, Peter; DAUSIEN, Bettina. Apprentissage biographique. In: DELORY-MOMBERGER, Christine. (org.) **Vocabulaire des histoires de vie et de la recherche biographique**. Paris: Érès, 2019. p. 19-22.
- BAUMAN, Zygmunt. **Liquid modernity**. Cambridge, UK: Malden, MA: Polity Press; Blackwell, 2000.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BOURGUIGNON, Jean-Claude; DELORY-MOMBERGER, Christine. Médialités biographiques, pratiques de soi et du monde. **Le sujet dans la cité**, v. Actuels 9, n. 1, p. 17-26, 2020. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-le-sujet-dans-la-cite-2020-1-page-17.htm> Acesso em: 12 dez. 2021
- BENJAMIN, Walter. **A tarefa-renúncia do tradutor**. In: HEIDERMANN W. (dir.). Clássicos da teoria da tradução Florianópolis: USFC Núcleo de Tradução, 2001. p. 189-215.
- CAFFARI, Raymonde. (Dir.) **Du soin et du relationnel entre professionnel et enfant**: Recueil d’articles de l’Institut Pikler - 1. Toulouse: Érès, 2017.
- CALDAS, Alberto Lins. Transcrição em História Oral. **Neho-História**, n. 1, p.71-79, 1999. Disponível em: <http://www.albertolinscaldas.unir.br/transcriacao.html>. Acesso em: 12 dez. 2021
- CAMPOS, Haroldo de; PAZ, Octavio. **Transblanco**: en torno a Blanco de Octavio Paz. São Paulo : Siciliano, 1994.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **Histoire de vie et recherche biographique en éducation**. Paris: Economica, 2005.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. Formation et apprentissage biographique. **Penser l’éducation**, n.19, p. 39-49, jun. 2006. Disponível em: [http://cirnef.normandie-univ.fr/wp-content/uploads/2020/02/UFR\\_Penser\\_Education19.pdf](http://cirnef.normandie-univ.fr/wp-content/uploads/2020/02/UFR_Penser_Education19.pdf). Acesso em: 12 dez. 2021
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **De la recherche biographique en éducation** : fondements, méthodes, pratiques. Paris: Téraèdre, 2014.
- FABRE, Michel. Bildung. In: DELORY-MOMBERGER, Christine. (org.) **Vocabulaire des histoires de vie et de la recherche biographique**. Paris: Érès, 2019. p. 197-200.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- KONDRATIUK, Carolina. **“Só” cuidar?** Corpo sensível e aprendizagem no cuidado doméstico de crianças. 2021. 477 f. Tese (Doutorado em Educação). São Paulo, Paris: Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e Laboratoire CIRCEFT, Université Paris 8.
- KONDRATIUK, Carolina; NEIRA, Marcos Garcia. O corpo a corpo na relação educativa entre babá e criança: uma revisão da literatura / The meeting of bodies in the educational relation between nanny and child: a literature review. **Pro-Posições**, Campinas, v. 31, p. e20170161, 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8660722>. Acesso em: 12 dez. 2021
- MACÉ, Marielle. **Styles: critique de nos formes de vie**. Paris: Gallimard, 2016.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5 ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral como fazer como pensar**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto: 2011.
- PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://revista-seletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8697>. Acesso em: 12 dez. 2021

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. **Roteiro**, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 67-86, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9267> Acesso em: 12 dez. 2021

PINEAU, Gaston. Les histoires de vie comme art formateur de l'existence. **Pratiques de formation/Analyses**, 31, p. 65-80, 1996.

SAYÃO, Déborah Thomé. Não basta ser mulher... não basta gostar de crianças... "Cuidado/educação" como princípio indissociável na Educação Infantil. **Educação**, Santa Maria, v. 35, n. 1, p. 69-84, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducao/article/view/1604> Acesso em: 12 dez. 2021

SOUZA, Elizeu Clementino de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan. / abr. 2006. Disponível em: [https://periodicos.ufrn.](https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8285)

[br/educacaoemquestao/article/view/8285](https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8285) Acesso em: 12 dez. 2021

SCHULZE, Theodor. Strukturen und Modalitäten biographischen Lernens: eine Untersuchung am Beispiel der Autobiographie von Marc Chagall. **Zeitschrift für qualitative Bildungs-, Beratungs- und Sozialforschung**, 6(1) , p. 43-64, 2005. Disponível em: <https://www.ssoar.info/ssoar/handle/document/27917> Acesso em: 12 dez. 2021

SPITZ, René Arpad; COBLINER, W. Godfrey. **De la naissance à la parole: la première année de la vie**. Paris : PUF, 2002.

WULF, C. Interculturalité. In : Delory-Momberger, C. (dir.) **Vocabulaire des histoires de vie et de la recherche biographique**. Paris : Érès, 2019. p. 426-432.

Recebido em: 15/01/2022

Revisado em: 17/03/2022

Aprovado em: 05/04/2022

Publicado em: 30/04/2022

**Carolina Kondratiuk** é Doutora em Educação com dupla titulação pela Universidade de São Paulo (USP) e pela Université Paris 8, possui licenciatura em Pedagogia pela Faculdade de Educação da USP e mestrado em Educação pela mesma instituição. É pesquisadora associada ao Gis Le sujet dans la Cité, Sorbonne Paris Nord – Campus Condorcet, e ao Laboratório Centre interdisciplinaire de recherche "Culture, Éducation, Formation, Travail" (CIRCEFT) (EA4384), Universidade Paris 8. *E-mail*: [carolinakondratiuk@gmail.com](mailto:carolinakondratiuk@gmail.com)